

CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO

Selso Dal Belo
dalbelo@univap.br
selsodalbelo@uol.com.br

Universidade do Vale do Paraíba – Univap – Av. Shishima Hifumi, 2911 - Urbanova – CEP 12244-000
São José dos Campos / SP

Resumo - Esse trabalho tem como objetivo tratar de uma responsabilidade que os homens de conhecimento estão envolvidos hoje. O critério de se classificar as épocas por eras industriais parece não ser adequada para os nossos tempos. O que estabelece desenvolvimento hoje é o conhecimento. O conhecimento e a sua busca do conhecimento através das universidades estão cada dia mais em torno de áreas de aplicação e não ao redor dos conteúdos que são objetos das disciplinas. Além de a pesquisa ser o foco de maior interesse outro aspecto é fundamental, o envolvimento da Universidade com os problemas da sociedade sejam eles técnicos ou sociais. Não se concebe mais uma Instituição de Ensino Superior (IES) que não se envolva com a comunidade onde está inserida, quer seja em âmbito municipal, regional ou nacional. O importante é termos em mente que todo conhecimento que transmitimos ao aluno é apenas uma ferramenta com a qual o preparamos para a vida. Precisa-se capacitá-lo a usá-la.

Palavras-chave: conhecimento, educação, professor, administração.

Área do Conhecimento: Educação

Introdução

O presente trabalho trata de aspectos sobre a política do conhecimento na educação como sendo uma responsabilidade para os homens deste conteúdo intelectual. Evidencia-se que as áreas do conhecimento estão em constante mudança. O capital intelectual e sua busca estão sendo cada vez mais organizados em torno de áreas de aplicação, e não em torno de áreas que são objetos das disciplinas. O conhecimento passa de um fim em si mesmo para um recurso, isto é, um meio de atingir um determinado resultado. É evidente que não se pode entender uma universidade, hoje, uma organização simples. Ela está se tornando complexa e controvertida. Para administrar uma organização cada dia mais complexa torna-se necessário alta capacidade de administração.

Cada setor evolui num ritmo diferente, dependendo, de algum modo, da velocidade evolutiva dos seus produtos, da velocidade evolutiva dos seus processos e da velocidade evolutiva das organizações (FINE, 1999, p. 18).

No presente texto tratar-se-á de aspectos sobre a política do conhecimento na educação como sendo uma responsabilidade para os homens de conhecimento.

É evidente, para quem está envolvido com educação, que as áreas do conhecimento estão em constante mudança. Também, se tem a consciência de que as faculdades e disciplinas existentes não serão adequadas por muito tempo, pois estamos em constante evolução.

Há cem anos não existia a bioquímica, a genética e até mesmo a biologia dava seus primeiros passos. Havia a zoologia e a botânica. Portanto, não deve representar surpresa para nós que a diferença entre química orgânica e inorgânica não seja mais muito importante (DRUCKER, 2001, p. 531).

Até o final do século XIX, praticamente não havia interligação entre conhecimento e a ação. De forma que afirma-se que o conhecimento atendia ao “intelecto”, enquanto a ação baseava-se na experiência e nas habilidades dela resultantes. Era o conhecimento empírico, como se afirmava.

Levanta-se a hipótese que cada uma das antigas demarcações, disciplinas e faculdades acabarão por serem obsoletas e barreiras para o conhecimento e o aprendizado. Estamos passando, rapidamente, de uma visão cartesiana do Universo, na qual são enfatizadas partes e elementos, para uma visão estrutural com ênfase no todo e nos padrões.

Portanto a busca do conhecimento, assim como seu ensino tem sido, tradicionalmente, dissociados do conhecimento. Ambos eram organizados de forma cartesiana, por temas, segundo o que parecia lógico do próprio conhecimento. Toda a organização superior têm se concentrado nos temas. Elas têm se baseado no “produto” e não no “mercado” ou no “uso final”.

Material e método

A Política da Aplicação do Conhecimento

Atualmente trabalhar com interdisciplinaridade é um critério que tem crescido rapidamente. O conhecimento e sua

busca estão sendo cada vez mais organizados em torno de áreas de aplicação, e não em torno de áreas que são objetos das disciplinas. Temos ciência que cada dia mais institutos de estudos em áreas específicas, na Europa, EUA e mesmo no Brasil que reúnem pessoas dedicadas a todas as disciplinas, de economia a psiquiatria, de engenharia a história da arte. Este trabalho interdisciplinar energiza e define a direção das universidades.

Assim, segundo Drucker (2001, p. 532) o conhecimento passa de um fim em si mesmo para um recurso, isto é, um meio de atingir um determinado resultado. O que era conhecimento se transforma em informação. O que era tecnologia se transforma em conhecimento. O conhecimento como uma energia central da sociedade moderna existe em conjunto em conjunto com sua aplicação e quando submetido ao trabalho. “A moeda do futuro certamente não será a financeira, mas a intelectual” (CHIAVENATO, 2005, p. 20).

O fato do conhecimento, no sentido acima exposto, ter se tornado o principal recurso da sociedade moderna acrescenta uma terceira função às universidades. Às funções de ensino e pesquisa, ele acrescenta o trabalho comunitário, ou seja, a conversão do conhecimento em ação. Esta ação poderá ser parcerias, algo que venha dar resultados na comunidade.

O fato de se desejar que a universidade mobilize suas energias de conhecimento para a comunidade justifica-se reestruturar o ensino de acordo com as principais áreas de aplicação, e não segundo a lógica da disciplina.

O aluno espera um professor empregando seus conhecimentos em problemas referentes à metrópole, desenvolvimento econômico, conservação do meio ambiente, patrimônio cultural, e pergunta: “Porque nós devemos nos entediar com informações insignificantes, sem aplicação e sem relação com as necessidades as necessidades importantes que nós e toda a sociedade temos”? Os professores poderão responder que eles precisam conhecer os instrumentos para se dedicarem à prática. Estes instrumentos seriam as disciplinas ensinadas. De fato a forma de se aprender um instrumento é usando-o numa tarefa específica o que torna o conhecimento bem mais dinâmico e envolvente.

É evidente que não se pode entender uma universidade, hoje, uma organização simples. Ela está se tornando complexa e controversa. Necessita de quadro de pessoas com conhecimentos diversificados e organizados em diversos campos de aplicação. A Universidade não precisa de um tipo só de pessoa, mas de muitos. Precisa-se do professor mais dedicado à pesquisa e do mais dedicado ao conhecimento.

Por exemplo, para Univap são imprescindíveis dos professores dos cursos empenhados em resultados finais, assim como os Doutores do IP&D, mais dedicados às pesquisas. Mas a ligação entre os dois grupos é fundamental.

Precisamos ainda mais do homem que, em seu próprio trabalho, reúna conhecimento e habilidades de várias disciplinas e as integre em uma aplicação efetiva fora da universidade. Atualmente ele não é oficialmente reconhecido – mas é o verdadeiro “astro” da grande universidade moderna (DRUCKER, 2001, p. 534).

Discussão

As perspectivas do conhecimento

O principal problema ético da sociedade do conhecimento, de nossa era, é o da responsabilidade dos homens capacitados. Historicamente os intelectuais nunca tiveram o poder nas mãos. Sempre se viu o intelectual como um indivíduo diferente e em geral pobre. O conhecimento era algo bom.

Mas agora o conhecimento já é e está se tornando cada vez mais poderoso. Controla o acesso à oportunidade tornando-se real o que se diz: oportunidade é estar preparado para a ocasião. Cientistas e acadêmicos são cada vez mais ouvidos para tomar decisões. Eles precisam ser ouvidos e considerados por aqueles que elaboram as políticas em áreas fundamentais como defesa e economia.

As pessoas cultas já não são mais pobres e muitos são verdadeiros “capitalistas” da sociedade do conhecimento. Nas empresas de aplicação de tecnologias são bem remunerados e, as Entidades de Ensino Superior, que são referência no mundo, seus professores são regamente pagos. Assim possuem poder e riqueza, o que lhes será cobrado responsabilidade.

Na maioria dos casos as pessoas de conhecimento não possuem sabedoria. Custam a entender que suas boas intenções são suficientes para agir. Mas, constatarão que poder justifica-se somente através da responsabilidade. Não entendem que decisões básicas referentes ao conhecimento são políticas e não conhecimento em si, de difícil controle, e que os consideramos responsáveis. Terão que tomar decisões que irão contra o que pensam.

As novas exigências de desempenho da escola

Primeiramente, num mundo pós-capitalista e sua sociedade do conhecimento necessita atingir uma instrução universal de alto nível.

As novas tecnologias de aprendizado estão exercendo e continuarão a exercer grande influência sobre a instrução. Grande parte das incontáveis horas que se gastava para ensinar na escola a maior parte deste grupo de disciplinas poderão ser aprendidas pelos instrumentos que a era do conhecimento põem à disposição.

Na escola do futuro o aluno será seu próprio instrutor tendo um programa de computador como ferramenta.

Alem do conhecimento de ler, escrever e calcular continuarão a ser absolutamente necessários, mas deve ir, além disso. Deve subordinar tudo o mais à aquisição das habilidades básicas. Instrução da forma que definimos, atualmente, é um conhecimento subjetivo, como, calcular, conhecimentos de história e geografia. A sociedade do conhecimento, pós-capitalista, precisa de conhecimento de processo. Esta sociedade precisa aprender a aprender, isto é, desenvolver, inculcar no aluno a motivação para fazê-lo auto gestor da sua formação. A sociedade do conhecimento exige um aprendizado que dure toda a vida e, para tanto, é preciso disciplina.

Realmente, se observarmos e formos atentos aos resultados dos atletas e ao que testemunham, por exemplo, numa Olimpíada, os seus sucessos são fruto de motivação, exercício contínuo e disciplina. Se observarmos, também, os bons mestres, os bons treinadores de atletas, os bons mentores nas organizações empresariais de desenvolvimento de gestão agem assim. Criando estímulo e motivação chega-se a feitos tão significativos a ponto de surpreender o seu realizador.

A realização que dá satisfação, que motiva, é a que permite fazer, excepcionalmente, bem algo para o qual se demonstra talento. Em outras palavras, o ensino, isto é, o professor atual é o que descobre os pontos fortes dos alunos e os motiva, orienta-os para a realização.

Popularmente se afirma que o sucesso numa profissão ou atividade precisa-se escolher para fazer aquilo que se gosta e para a qual se leva jeito; podemos acrescentar a este provérbio popular uma terceira conotação, a motivação.

A escola e a sociedade

A escola envolvida e comprometida com a sociedade deve manter aberto o acesso ao ensino mais adiantado, independente, da idade ou do nível de escolaridade anteriores. Constatamos

se que quando uma pessoa possui grande escolaridade sente necessidade de mais instrução.

O ensino, conforme já acontece em alguns países da Europa, aos poucos deixará de ser função, somente, das escolas para ser um aprendizado em conjunto, na qual as escolas serão parceiras das empresas e não detentoras do monopólio do ensino.

O maior desafio da escola, hoje, e que poucas escolas estão preparadas, está no compromisso que a escola terá que assumir em relação aos resultados. Ela está sendo paga para ensinar e estabelecer o seu RESULTADO FINAL. Percebe-se que escola se tornará responsável.

Conclusão

Para Chiavenato (2005) o mundo está mudando com uma rapidez incrível, fato igual a este nunca houve em nenhuma outra época com o volume, rapidez e impacto com que ocorre hoje. Assim, para se conduzir uma organização cada dia mais complexa torna-se necessária alta capacidade de administração. O papel do administrador e dos sub-administradores, leia-se coordenadores, deve ser capaz de atingir os próprios objetivos e de extrair a própria satisfação de seu trabalho.

Segundo Drucker, (2001) os homens de conhecimento devem assumir a responsabilidade pelo desempenho na educação. Não é mais admissível culpar os alunos por não conseguirem aprender. O aluno que não aprende representa um fracasso para a escola, e o aluno que não quer aprender é uma vergonha para a escola e uma acusação tanto para a escola quanto para o professor.

Referências

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2005. 529 p.

DRUCKER, Peter. **O Homem, a Administração, a Sociedade**. São Paulo: Editora Nobel, 2001. 570 p.

_____. **Sociedade Pós-Capitalista**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994. 185 p

FINE, Charles H. **Mercados em Evolução Contínua**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999. 262 p.